

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA

21 de Maio de 2022

ANTÓNIO SENA: A MÃO ESQUIVA / 2009

um filme de JORGE SILVA MELO

Realização: Jorge Silva Melo *Imagem:* José Luís Carvalhosa *Som:* Armanda Carvalho, Olivier Blanc, Diana Meireles *Montagem:* Vítor Alves *Mistura de som:* Tiago Matos *Assistência de realização:* Joana Frazão *Assistência de imagem:* César Casaca, Lisa Persson, Paulo Menezes *Edição e pós-produção de fotografia digital:* Miguel Aguiar *Correção de cor:* Pop Filmes, Graça Castanheira *Músicas:* J. S. Bach (Capriccio, BWV 992; O Cravo Bem-temperado, Prelúdio e Fuga #2, BWV 847; Prelúdio #24, BWV 870-893), Tomaso Albioni (Adagio), Ludwig van Beethoven (Sonata para Violoncelo #5, Op. 102), Cesar Franck (Sonata para Violoncelo), Manuel de Falla (Nana), Luigi Nono (Fragmentos para Quarteto de Cordas), Stefano Scodanibbio (Voyage thar Never Ends), The Kinks (Perfect Strangers), Joplin (Ball and Chain) *Fotografias:* José Manuel Vasconcelos, Mário de Oliveira, Laura Castro Caldas, Paulo Cintra Gomes, José Manuel Alves Costa, Rita Burmester, José Fabião, Frederico Saraiva *Participação:* Maria Filomena Molder, João Pinharanda; António Sena, Jorge Silva Melo (voz) (não creditados)

Produção: Artistas Unidos (Portugal, 2009) *Colaboração à produção:* Rogério Ceitil Audiovisuais *Direção de produção:* João Matos, Manuel João Águas *Primeira apresentação pública:* 18 de Outubro de 2009, Doclisboa *Cópia:* betacam digital, cor, 60 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca:* 1 de Junho de 2011 (“Artistas Filmados”, com A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER e na presença de Jorge Silva Melo e António Sena)

ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO / 2011

um filme de JORGE SILVA MELO

Realização: Jorge Silva Melo *Imagem:* José Luís Carvalhosa *Som:* Armanda Carvalho *Música original:* Pedro Carneiro *Violinista:* Daniel Bolito *Mistura de som:* Tiago Matos *Assistência de imagem:* César Casaca, Paulo Menezes *Edição e pós-produção de fotografia digital:* Miguel Aguiar *Correção de cor:* Graça Castanheira *Imagens dos filmes:* CASA DESABITADA (Igor Sterpini, 2004), ENSAIO PARA UMA PAISAGEM (1997) *Fotografias:* Eduardo Nery, Miguel Ângelo Guerreiro, Paulo Cintra, Laura Castro Caldas, Paulo Costa, Teresa Santos, Pedro Tropa, Vítor Branco *Com os actores:* Américo Silva, Diogo Cão, João Delgado, Susana Oliveira; David Granada, Inês Cunha, João de Brito, João Miguel Rodrigues, Mafalda Simões, Miguel Matos, Miguel Ramos, Pedro Lamas, Pedro Mendes, Rúdi Fernandes, Sara Moura, Tiago Cadete; Jorge Silva Melo (não creditado).

Produção: Artistas Unidos (Portugal, 2011) *Direcção de produção:* Miguel Aguiar, Américo Silva, João Meireles, Ana Bandeira *Produtora delegada da RTP:* Fátima Barros *Cópia:* digital, 16:9, cor, 56 minutos *Nota:* o título impresso nas cópias é ANA VIEIRA... E O QUE NÃO É VISTO *Primeira apresentação pública:* 24 de março de 2011, Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca.*

MARIA FILOMENA MOLDER APRESENTA OS DOIS FILMES ANTES DA PROJEÇÃO DE CADA UM DELES

A mão esquiva de António Sena, o interesse de Ana Vieira *pelo não é dito e pelo que não é visto*, ou dois artistas e dois universos artísticos por Jorge Silva Melo. Em dupla na sessão pelo lado secreto de cada um. Como havia sucedido com o anterior “filme de Nikias Skapinakis” (o TEATRO DOS OUTROS, concluído em 2007), o “filme de António Sena” partiu de uma proposta do artista ao realizador por altura da exposição retrospectiva de Serralves de 2003, no Porto, quando se conheceram pessoalmente. A MÃO ESQUIVA foi sendo filmado entre esse ano e 2009,

na preparação da exposição Books=Cahiers, inaugurada na Fundação Vieira da Silva, em Lisboa (incluindo embora imagens da preparação e inauguração da exposição do CAM/Gulbenkian em 2002). O “filme de Ana Vieira”, contemporâneo das suas exposições de 2010/11 no Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, e no CAM, em Lisboa, talvez tenha também acontecido porque um dia, quando os Artistas Unidos habitavam o edifício da Capital ao Bairro Alto, Ana Vieira por lá deixou uma proposta a Jorge Silva Melo, assim engatando o princípio de uma bela amizade. A admiração pela obra de ambos vem de muito antes, eram artistas estimados por Jorge Silva Melo que dizia, de Sena, “pintor discreto e esquivo”, “autor de uma das obras mais consistentes da arte portuguesa contemporânea” desde 1964, tratar-se de um dos seus artistas iniciais; e de Vieira, artista cuja obra descobrira nos anos 70 das exposições na Quadrante, que era uma “guardadora de sombras” muitas vezes trabalhando, intransigente, um território de invisibilidade afim do *off* cinematográfico.

Jorge Silva Melo chegou a António Sena mais de uma década depois do título 1 da “série-retratista”, com Palolo (A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER, 1995): escrevera um texto para o catálogo da retrospectiva de Serralves instado por João Fernandes, aceita o repto de filmagem da exposição que Sena lhe dirige na noite de inauguração. Feito o registo, germinou a ideia do filme e o projecto foi-se concretizando em paralelo a outros, os “filmes de” Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa e Bartolomeu Cid dos Santos, o da cooperativa de gravadores portugueses Gravura. A António Sena, reservou Jorge Silva Melo a opção de o filmar a ele e à sua obra, dando primazia aos quadros, na imagem, e a um discurso sobre eles, na banda sonora em *off* ou semi-*off*, com as mãos em campo de Sena, Molder, Pinharanda. Muitas vezes em grande plano, folheando páginas, percorrendo imagens, apontando pormenores, texturas, linhas, entrelinhas.

Boa parte de ANTÓNIO SENA: A MÃO ESQUIVA desfila quadros, plano a plano, filmados frontalmente nas paredes dos museus e galerias, ou em vistas de cima apontadas a uma mesa, ou em reproduções de livros. Neste filme, que abre com imagens do artista no seu atelier, as obras (quase) ocupam todo o espaço, guardando-se o som fora de campo para o discurso sobre elas e a singularidade de Sena, a que Silva Melo não se escusa. Também aqui a sua *implicação* passa pela presença como uma das vozes do filme, mas uma voz discreta que “entrega” a especialistas amadores da obra do artista, Maria Filomena Molder e João Pinharanda, que – ponto importante – apresenta como seus interlocutores directos, “Diz Maria Filomena Molder”, “Diz-me o João Pinharanda”. É a um e a outro que cabe o comentário das obras que na sinopse Silva Melo apresenta “discreta, intensa, original”, de um autor de quem quis filmar “a incessante mão, a mão que escrevinha, rasura, escreve, acrescenta, pinta e apaga ou pinta e inscreve.” “Ou a mão que comenta, sublinha, se lembra.” Jorge Silva Melo refere em especial “A mão de Maria Filomena Molder que pensa”, citando, de João Pinharanda a “bela formulação” que sintetiza, “para salvar a biblioteca do incêndio”.

Portanto, a *mão esquiva*, que é a do artista (filmado a discorrer sobre a própria obra), chama a sensibilidade estética de outras mãos, que vão *falando* ao mesmo tempo das palavras proferidas (Molder e Pinharanda, em diálogo com Silva Melo). A consistência que Jorge Silva Melo nota na obra de António Sena transmuta-se num dispositivo minimal de construção que condensa as muitas ideias, muitas imagens, derivas e digressões do motivo que o retrato ensaia captar.

No caso de ANA VIEIRA: E O QUE NÃO É VISTO, a estrutura do filme casa com dois elementos do seu universo artístico, os também cinematográficos elementos das sombras e do fora de campo. O plano inicial, um movimento de câmara à direita no interior de uma casa de luz clara, estanca no corredor habitado por uma silhueta-recorte “...talvez fique só uma cicatriz que se abre nas obras de Ana Vieira” – diz Jorge Silva Melo no *off* de abertura, passando logo a palavra a Ana Vieira. Diz ela: “E o que me interessa neste momento é o que não é dito e o que não é visto.” A narração em *off* do realizador pontua o retrato, mas é o discurso da artista que habita o filme, ancorado na perspectiva de Ana e na perspectiva de Jorge aliando-se à perspectiva de Ana. A montagem apela às palavras, a sombras da figura de Ana Vieira projectadas sobre as suas obras, às imagens das obras olhadas e atravessadas pela câmara (como o *Corredor*, de 1982), a espaços percorridos por visitantes das exposições que podem ser actores, e sempre às matérias que Jorge Silva Melo convoca nos seus “filmes de artistas”, as obras cuidadosamente fotografadas, imagens e filmes de arquivo.

Apresentando o filme, Jorge Silva Melo voltou a um texto que fala do encontro com Ana Vieira, na *Casa Desabitada* (instalação e texto de 2004, texto publicado no *Século Passado*, 2007) e escreveu:

É insólito o lugar de Ana Vieira na arte portuguesa: trabalhando o rasto, a sombra, a passagem da luz (ou dos corpos?), o reflexo, a sobreposição, a pegada, a memória ou a planificação do futuro, a sua arte raia o invisível. E questiona o lugar da arte – e do espectador, colocado sempre “de fora” ou com a consciência do “off”.

[...] Agora, em 2010-11, a obra de Ana Vieira vai voltar a ver-se. Primeiro, no Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada; depois, em Janeiro de 2011, no CAM. Uma retrospectiva, uma revisão, uma oportunidade única de ver (o que não se vê). O que não se vê porque está guardado, porque não é mostrável, porque a arte de Ana não é a de “colorir uns metros quadrados para pendurar na parede”. Mas o que não se vê (ou se vê de esquelha, espiando, deslocando o ponto de vista, recusando a frontalidade do renascimento) é o assunto principal deste trabalho intransigente.

No cinema, designa-se isso por “off” e é o assunto principal de muitos dos mais belos planos. No teatro, chamou-se a isso “bastidores”, é onde morrem Jocasta e Antígona, se cega Édipo, morre Fedra. Nós só sabemos, porque, felizmente, Téramène na “Fedra” ou o Soldado no “Rei Édipo”, ecos, testemunhas, nos vêm contar.

Ou porque Ana Vieira, guardadora das sombras, lhes fixou a traça?

Filmar o invisível, é assim um destino: filmar o rasto (rastejar?), a ausência, colocar-me à

indiscreta janela (é belo o inglês, Rear Window) onde passam as sombras, na caverna.

O filme de Ana Vieira acaba nas ilhas, literalmente avançando para uma indiscreta janela que se abre ao mar a céu aberto. Nessa última sequência, que começa num fundido a negro, a câmara avança atrás da artista, percorrendo no seu encalço um caminho literalmente sinuoso (como o da obra *Corredor*), e desagua no meio das ruínas esventradas da casa de pedra que tem o portão (a janela) no centro do plano. Antes, ouvíamos Ana Vieira dizer, “Sempre gostei de ver com o corpo todo, nunca separei. Ver com os olhos só, não entendo.” No momento em que a câmara avança num travelling frontal para o mar atravessando a soleira da porta que separa a vegetação verde florida a amarelo do negro da rocha e do azul do oceano, estamos na vida telúrica. O último plano rasa o mar. Ana Vieira diz ainda, “Eu não estava a ver arte. Estava a ver muros. E portas.”

Maria João Madeira